

## **ONDE VOCÊ ESTAVA HÁ VINTE ANOS?**

**N**ada como o tempo para passar. E passamos com ele em constante diálogo com o passado. Olhar para o hoje traz sempre consigo uma lembrança que, por sua vez, é o resultado de uma vivência que nos torna únicos.

Olhar para nossa revista me remete aos diferentes estímulos que a transformaram numa realidade e me impulsiona a pensar o que acontecia há 20 anos, que poderia ser transformado em artigo nessa coluna que fala e reflete a mídia.

Recorri então a duas fontes: a imprensa escrita e ao cinema.

Interroguei: Como coreografar com o tempo dentro dessas duas vertentes? Como aproveitar a reflexão de hoje contando partes da rica e imensa história desses vinte anos? Como refletir sobre o ontem reconhecendo diferenças?

Escolhi dois caminhos. Uma conversa com um jornalista formado há quase vinte anos e, uma visita ao percurso do cinema nacional nesses 20 anos.

Para efetivar a proposta, primeiramente li um ensaio autobiográfico de Décio Galina, de 38 anos de idade, jornalista formado em 1994, que traz como título *Lembra do mundo real?*. Ao incluir o relato faço a contextualização de um momento que é dele com a intenção de mobilizar a memória de cada um de nós, trazendo o vivido com uma proposta de diálogo com o tempo. Nesse texto, Décio nos conta da aventura da *“chegada dos computadores na Faculdade Casper Líbero”* e me remete ao tempo em que os computadores começaram a substituir meu eterno lápis e papel. Remete-me, ainda, ao tempo em que o carteiro era quase “amigo de infância”, pois tomava café quando vinha nos entregar carta, brincava com as crianças, “paquerava” a empregada. Nesse ensaio, Décio fala ainda *“dos compromissos acertados pelo telefone, das oportunidades de estágio fixadas no quadro de feltro verde, da troca de ideias, não de mensagens, nem posts. A palavra tinha de fato outro peso!”* Ressalta a importância do contato humano e *do quanto se falava mais*. Lembra as aulas de datilografia que eram imprescindíveis para os jornalistas que tinham na máquina de escrever sua principal parceira, realçando que, até hoje, *digitar com os dez dedos sem precisar olhar para o teclado é uma habilidade que mostra a graça de escrever como se tocasse piano*. Fala também da importância das reportagens feitas na rua, do movimento dos repórteres, da correria no elevador para chegar logo, a tempo de escrever até o fechamento do jornal. Diz que *as pessoas acreditavam mais na palavra falada, na confirmação por telefone, tudo se resolvia na conversa – não existiam confirmações por e-mail. Realidade percebida não só no âmbito profissional, mas em qualquer relação: familiar, de amizade ou romance, tudo dependia de uma real aproximação entre os envolvidos. Real, não virtual como hoje. Atualmente, contam-se os amigos virtuais em centenas, mas os encontros diminuíram, ficaram mais raros*. E termina Décio: *“Ainda não me acostumei à profusão de redes sociais e comunicações virtuais. Ainda acho um pouco estranha (e isso não tem nada a ver com nostalgia ou insatisfação eterna, como Woody Allen ironiza em Uma noite em Paris) essa época em que olhares e toques foram substituídos por mensagens de celular. As pessoas mandam um e-mail e consideram que já fizeram sua parte no diálogo. Tudo é decidido com extrema desenvoltura e velocidade – mas*

### **ROSANA GALINA**

*Terapeuta de família, mestre em psicologia, psicodramatista, supervisora e professora em psicodrama, membro da IFTA, membro diretoria da ABRATEF e APTF.*

*a impressão é de se viver menos, de se ter menos tempo. Uma ansiedade que parece não ter fim. Saudades do tempo em que não havia escolha a não ser a conversa frente a frente, o encontro, os olhos nos olhos (sem Skype!), pessoas se relacionando com pessoas e não com computadores”.*

Após essa leitura ponderei sobre ganhos e perdas na aquisição da tecnologia, acreditando que nesse tema a faixa etária não entra como referência absoluta. Os mais jovens também identificam perdas na distância física entre as pessoas assim como posso identificar ganhos na tecnologia.

Em um momento de tantos encontros virtuais, o cinema propicia um encontro que traz um enriquecimento único. Encontro com a cultura, encontro entre as pessoas. E, ao pensar em encontro entre pessoas, me lembrei do relato de uma pessoa muito querida que adora cinema e que sempre acreditou que encontraria seu “parceiro para a vida” numa fila de cinema, lócus dos amantes dessa arte. O esperar em fila é apenas mais um prazer para a total entrega ao filme.

Para me desincumbir da tarefa de explorar o caminho do cinema nacional, pedi auxílio à Simone Yunes, Gerente Adjunta do Cinesesc para o levantamento do trajeto do cinema nacional desde 1991.

E, sendo fiel ao seu relato, diz Simone que, de 1969 a 1990, *a grande responsável pela produção do cinema nacional foi a EMBRAFILME. Com a sua extinção, a dificuldade de incentivo e financiamento fez com que o cinema nacional vivesse um momento de pausa.* Cabe aqui uma reflexão do quanto a cultura é pouco considerada em nosso país. Porém, a Lei Federal de Incentivo à Cultura, conhecida também por Lei Rouanet, e criada em 1991, veio para instituir políticas públicas para a cultura nacional, iniciando uma retomada do cinema brasileiro. Em 1995, considerado o ícone da retomada, o filme *Carlota Joaquina*, de Carla Camurati, fez com que os olhares se voltassem novamente para as fitas *made in Brasil*. Temos projeção mundial e o orçamento foi muito baixo. Logo depois, em 1998, o filme *Central do Brasil* ganha em Berlim os prêmios: Urso de Ouro de Melhor Filme, Urso de Prata de Melhor Atriz (Fernanda Montenegro), Melhor Roteiro no Festival Sundance, e Fernanda Montenegro é indicada ao Oscar. *Cidade de Deus*, grande sucesso de público e crítica, participou da seleção oficial do Festival de Cannes em 2002. A sensibilidade do encontro entre um menino e uma mulher traz o amor de uma parceria que as dificuldades de trajeto não conseguem quebrar. Após 10 anos do sucesso de *Central do Brasil* em Berlim, *Tropa de Elite* ganha o Urso de Ouro de Melhor Filme em 2008. É a presença da crua realidade da agressão entre polícia e o império das drogas e a luta pelo controle. Em 2010 é lançado *Tropa de Elite 2*, com enorme sucesso de público e distribuição feita pelo próprio diretor, com mais de 100 cópias em 35mm. *Em 2001 foi criada a ANCINE, Agência Nacional do Cinema, uma agência reguladora que tem como atribuições o fomento, a regulação e a fiscalização do mercado do cinema e do audiovisual no Brasil. No mercado de distribuição de filmes nacionais, tivemos mudanças significativas, com a entrada de produtoras no mercado de distribuição, principalmente de documentários.* Quanto à exibição de filmes, nos últimos dez anos houve uma grande mudança técnica com a chegada das mídias digitais e do cinema 3D e não posso deixar de focar na mudança do jeito de assistir filmes! Hoje, o DVD já é recurso do passado! O IPAD, “baixar filme” no computador, notebook, filme no celular, Pay per View e a pirataria são recursos que esvaziam o espaço de encontro, a perspectiva de paquera, o deleite de amigos num final de domingo. Mais um re-

curso que nos afasta da experiência única do olho no olho e que de alguma forma reforça o individualismo da vivência do prazer. Pois é!

E, para encerrar essa viagem comemorando os 20 anos da *Nova Perspectiva Sistêmica* que desde o primeiro número dialogou com a Sala de Cinema, escolho o mesmo foco que Maria Helena Pinheiro, a excepcional responsável pela seção, por tantos anos: trazendo para o leitor cinéfilo uma reflexão sobre os ganhadores do Oscar do documentário do início da nossa caminhada e de 1971 aproveitando para coreografar com os ganhadores do Oscar desse ano. O documentário ganhador de 1990 foi *Caminhos Cruzados* e o filme premiado em 1971 foi *Corações e mentes* e, ancorada nessas referências, nos diz Maria Helena: “A escolha destes dois pequenos grandes filmes para abrir a Sala de Cinema, certamente não foi por acaso. Na discussão de questões fundamentais sobre nosso destino, seus autores, com o intervalo de 20 anos, optaram por uma criativa abordagem que vai muito além da solitária consciência individual” e eu, em parceria com essa autora, digo que essas questões continuam permeando a reflexão sensível de alguns diretores de cinema vinte anos após, considerando que o ganhador do Oscar de melhor filme desse ano foi *O Discurso do Rei*, e que o filme de 1991 foi *Dança com Lobos*, filmes que apresentam a delicadeza da percepção do mundo interior, trazendo de forma brilhante o despertar para a relação com o mundo e a sociedade, olhando cuidadosamente para o nosso destino. E, concluo com a percepção de que independente do tempo, independente da era tecnológica e da perda do olho no olho, do primeiro prêmio no Globo de Ouro para Redes Sociais, a sensibilidade é o tema vencedor na sétima arte! Viva o cinema!

Obrigada Maria Helena Pinheiro. Até sempre!